



DO MONSTRO FRIO AO ALÉM DO HOMEM. REFLEXÕES NIETZSCHIANAS ACERCA DO ESTADO *

From the cold monster to the beyond man. Nietzschean reflections on the State

Adilson Felício Feiler **

Resumo: O escopo do pensamento de Nietzsche toca uma diversidade de temas e problemas, que, direta e indiretamente, acabam por constituir uma rede complexa. Por isso, em torno a complexidade que compreende o filosofar nietzschiano não está ausente o tema do Estado, que se depreende de um tema mais amplo que é o da Política. Como filósofo da cultura, Nietzsche apresenta um diagnóstico da política, e esta passa pela necessidade de interpor superação. Não se trata de um movimento de superação das instituições e outras formas coletivas de se pensar a cultura, mas do indivíduo, mediante a sua compreensão singular. Para tanto, é preciso ultrapassar maneiras em torno as quais, em muito, acabou se apoiando, seja por uma compreensão de indivíduo subjugado ao Estado, ao modo de monstro frio a ditar normas, seja ao modo de uma moral gregária que se insurge contra o Estado ao modo de uma democracia a rebelar-se. Para além destas compreensões de Estado, baseadas em movimentos autoritários e democráticos, a reflexão nietzschiana aponta para um movimento que eclode do indivíduo em sua disposição afirmativa, capaz de superação.

Palavras-chave: Nietzsche. Estado. Política. Além do homem. Superação.

Abstract: The scope of Nietzsche's thought touches on a variety of themes and problems, which, directly and indirectly, end up constituting a complex network. Therefore, the theme of the State is not absent from the complexity that comprises Nietzschean philosophizing, which is inferred from a broader theme, that of Politics. As a philosopher of culture, Nietzsche presents a diagnosis of politics,

* Artigo recebido em 19.09.2024 e aprovado para publicação em 11.03.2025.

** Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2014). Professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte. E-mail: afeiler@faje.asav.org.br

and this involves the need to interpose overcoming. It is not a movement to overcome institutions and other collective ways of thinking about culture, but of the individual, through his or her singular understanding. To do so, it is necessary to overcome ways in which, to a large extent, he ended up relying, whether through an understanding of an individual subjugated to the State, in the form of a cold monster dictating norms, or in the form of a gregarious morality that rises up against the State in the form of a democracy rebelling. Beyond these understandings of the State, based on authoritarian and democratic movements, Nietzsche's reflection points to a movement that emerges from the individual in his or her affirmative disposition, capable of overcoming.

Keywords: Nietzsche. State. Politics. Beyond man. Overcoming.

Considerações iniciais

A investigação apresenta algumas reflexões acerca de como é possível pensar, a partir da filosofia de Nietzsche, sobre o Estado. Ao trazer este tema para o debate se adentra no campo da política. Por essa razão, é preciso avaliar cuidadosamente em que medida Nietzsche é um autor sobre o qual se pode refletir seriamente sobre política. Ora, a política, em Nietzsche, não está separada do tema da moral. Por isso, ao tratar sobre moral se pode tocar nos mais diversos assuntos que se lhe avizinhem como é o caso da ética cristã, que aponta para o tema do poder de subjugação, portanto uma moral de rebanho e, que, por sua vez, acena para a ingente necessidade de superação, que tem no além do homem a sua personificação. Desse modo, dados os inúmeros temas que ocupam a reflexão nietzschiana, desde ao campo da moral ao da estética, não deixam de ser menos importantes os temas ligados ao Estado, em suas mais diversas manifestações. Dado o seu estilo aforismático, permeado por expressões radicais, a ponto de ele mesmo afirmar não ser homem e sim dinamite, muito comumente os seus escritos foram instrumentalizados por correntes de pensamentos nazifascistas.

Por essa razão, o próprio autor reconhece não escrever para qualquer um, ou seja, ele escolhe os seus leitores. E quem seriam estes escolhidos? Aqueles dispostos a submeterem todas as temáticas a serem abordadas e um rigoroso procedimento genealógico. De sorte que se verifique quais os critérios de avaliação foram submetidos àqueles valores que se apresentam como tais, permitindo assim constatar o solo mesmo em que tais valores foram engendrados, se desenvolveram e frutificaram. Por isso, por mais que soe aristocrata esta escolha de Nietzsche pelos seus leitores, é, antes, uma ferramenta para que o seu pensamento possa ser compreendido.

Neste sentido, iniciar a leitura dos escritos de Nietzsche pela sua Genealogia da moral é altamente recomendável, já que todos os temas abordados

pelo seu pensamento devem necessariamente ser examinados pelo aporte genealógico. Com isso, se é resguardado de não incorrer em leituras que venham a desvincular o seu pensamento de suas verdadeiras intenções seminais. E quando se trata de temas que envolvem a política e o estudo que dela se depreende, muitas vezes se é levado a estabelecer um recuo por considerar os escritos de Nietzsche incapazes de contemplar tal escopo, principalmente pelo viés altamente individualista que pode imperar. No entanto, para além de toda e qualquer ênfase individualista a que aponte os escritos nietzschianos, é bastante potente também uma preocupação política. Pois ele mesmo menciona em diversas passagens de seu pensamento elementos de conjuntura social e política que de alguma forma inspiram o seu pensamento. E mais do que isso, até mesmo acabam forjando o seu pensamento, como seriam, por exemplo, por um lado, os diferentes movimentos totalitários, como os da Rússia, e, por outro, os movimentos democráticos, como na França. É importante, por isso, perceber que o filósofo alemão não está tomando partido de nenhum dos lados, sejam movimentos totalitários ou democráticos, mas antes mostrando que para além destes dois opostos reside uma leitura que não permite cair nem num autoritarismo acomodado, nem em um levante de massas ressentido. Pois, de ambos os extremos se depreende esgotamento das forças, estagnação da vontade. Assim, tanto do lado dos que se julgam deter a capacidade de oprimir, como do lado dos que são oprimidos se esconde o cansaço e o esgotamento, ou seja, o niilismo.

Logo, tanto naquele que julga encontrar-se no mais alto patamar hierárquico, como aquele que se encontra em seu mais baixo estamento, a vida deve ser afirmada. E a vida se afirma à medida em que as forças se manifestam no intuito de assenhorar-se, o que cabe, tanto ao burguês, muitas vezes acomodado em sua mediocridade, como ao pobre e fraco, que se considera incapaz. Em ambas as posições é necessário o cultivo de si mesmo. Pois é somente mediante este cultivo que se empreenderá a autossuperação de si mesmo, capaz de afirmar a vida naquilo que esta possui de mais duro e, aparentemente, intransponível. Por isso, para além do cultivo de um aburguesamento acomodado e medíocre e de um levante massificador enfraquecido e ressentido, o Estado deve, em tudo, ajudar a promover as forças necessárias para que a vida possa ser afirmada. Neste sentido, o Estado acaba ocupando um papel não apenas importante, mas até necessário, já que é por ele que a força pode recobrar o ânimo e a vida, e, mediante isso, pode ser afirmada.

O presente itinerário perfaz três movimentos, iniciando pelas análises dos frutos de uma idolatria do Estado em sua versão totalitária, o qual se intitula “A idolatria do Estado em sua face totalitária: o mostro frio. Segue-se um segundo movimento em que tem parte a reflexão acerca dos movimentos democratas, movidos pelo levante popular, o qual intitula-se “As modernas democracias como instrumento da vontade popular: o

rebanho.” Para, por fim, refletir sobre o papel do Estado, como aquele que ajuda a promover o além do homem, a sua ponte, o seu porvir. Intitula-se “Do fim do Estado ao início do Além do Homem: o arco íris.

1. A idolatria do Estado em sua face totalitária: o monstro frio

Uma das manifestações do Estado é aquela em que este se apresenta mediante a sua face totalitária, ou seja, como a de um mostro frio. Este, da maneira mais sórdida se apresenta como se fosse o próprio povo. Portanto, o Estado se apropria friamente e mentirosamente daquilo que de per si não lhe compete, mas o faz como se ele fosse uma espécie de redentor, como aquele que unicamente pode salvar do meio da grande tribulação: “Estado é o nome do mais frio de todos os monstros frios. E de modo frio ele também mente; e esta mentira rasteja de sua boca: ‘Eu, o Estado, sou o povo’.”^{1 2} A atitude de mentira do Estado está voltada para que nele se acredite como a única tábula de salvação. E é assim acreditando que Ele vai se alimentando do povo com o seu instinto vampiresco e usurpador. Por essa razão, como sublinha Ivo da Silva Júnior, o filósofo compreende “(...) o Estado como antagonista da cultura.”³ A apropriação indevida do Estado para com tudo o que o cerca, faz com que nada reste senão destruição, miséria e destituição.

Contudo, Nietzsche recorda que, por mais usurpador e poderoso, este não passa de uma invenção, e uma invenção das mais mentirosas, sendo tudo nele falso. Ele morde com dentes roubados, agarra com mãos roubadas e digere com estômago igualmente roubado. Ele quer mostrar a sua grandeza em fazer acreditar que é a maior realidade existente na terra: “nada existe sobre a terra que seja maior do que eu: sou o dedo ordenador de Deus – assim surge o colosso. E não apenas aqueles de vista curta e orelhas compridas se ajoelham!”⁴ O Estado se mostra como aquele que unicamente

¹ Para as citações das obras de Nietzsche adotamos a Edição Crítica Alemã Colli & Montinari: KSA (*Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe*) e das Cartas, Br/Cr, KGB (*Sämtliche Briefe Kritische Studienausgabe*); após a sigla indicando a obra, em Alemão/Português: MAI/HHI – *Menschliches Allzumenschliches* (Humano, Demasiado Humano), Za/ZA – *Also sprach Zarathustra* (Assim Falava Zaratustra), WL/VM – *Über Wahrheit und Lüge im aussermoralischen Sinn* (Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extramoral), Nc/FP – *Nachlass* (Fragmentos Pós-tumos), segue o número, em romano, indicado o capítulo, se tiver, o número do aforismo, KSA ou KGB, o número do volume e a página.

² Za/ZA, I, Do novo Ídolo, KSA, 4.61

³ SILVA, Ivo da. Estado (Staat). In: *Dicionário Nietzsche*. Col. Sendas e Veredas. GEN – Grupo de Estudos Nietzsche. São Paulo: Edições Loyola, 2016, p. 207.

⁴ Za/ZA, I, Do novo Ídolo, KSA, 4.62

aponta os caminhos da humanidade, assumindo assim a própria forma de um Deus a ordenar tudo o que se deve ou não fazer.

Os diferentes atributos deste Estado fazem com que se imagine estar lidando com um verdadeiro controlador de todas as coisas, sem as quais é impossível viver. Ora, se antes se servia e reverenciava a um Deus supremo e transcendente, agora se serve a outro Deus, não mais transcendente, mas imanente. Ele passa a ser um ídolo novo, se orientado pelo cansaço que outrora pautou a vida do povo: “(...) ó vencedores do velho Deus! Ficastes cansados na luta, e agora vosso cansaço serve ao novo ídolo!”⁵ O Estado é o novo ídolo, mediante o qual se curvam os povos em atitude de adoração. Este Estado, como Monstro Frio, se fortalece mediante o aquecimento de consciências que se mostram aquecidas, crentes em sua ação em favor do povo, concedendo tudo o que dele se necessita, desde que o sirva com todas as forças e potências. Em prol do Estado totalitário, o povo se anula, como a viver em lento suicídio, ao qual ainda se ousa chamar de vida. A atuação do Estado totalitário se dá ao modo de aves de rapina, que se apropriam de tudo o que veem pela frente, depredando, reprimindo e reduzindo tudo a sua volta à doença e desventura. Frederick Copleston ao advogar um individualismo em Nietzsche, diz que “(...) nem o Estado, nem a nação nem a raça eram para ele as mais altas produções da cultura humana.”⁶

Contudo, apesar de tamanha usurpação de bens que lhe são alheios, o Estado continua sempre pobre e indigente, como a indigentes enterrados na lama, em estado de putrefação. Diante de tal situação, somente resta uma coisa: a fuga. É preciso fugir de um tal Estado a fim de não ser por ele vitimado. O dizer não ao Estado prorrompe em afirmar o homem, devolvendo a este o que lhe foi indevidamente tomado pelo Estado. E neste restituir ao homem o que lhe pertence por direito é que se vai estabelecendo a ponte que lhe conduz ao além do homem. No que diz respeito a estes temas da política, Noéli Correia de Melo Sobrinho, diz que “(...) no pensamento de Nietzsche é certamente um campo no qual ele trava os seus combates filosóficos e culturais: como poderíamos pensar na vontade de poder, na transvaloração de todos os valores, no super homem, na necessidade da dominação e da guerra.”⁷ Portanto, é preciso superar ainda um outro obstáculo além do Estado totalitário, que é a versão moderna do Estado, denominado Estado democrático, para o qual se movem as massas do rebanho. O problema não reside na democracia em si mesma, mas no consequente esmagamento do indivíduo que desta se

⁵ Za/ZA, I, Do novo Ídolo, KSA, 4.62

⁶ COPLESTON, Frederick. *Nietzsche. Filósofo da Cultura*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1979, p. 227.

⁷ SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. Apresentação. In: *Escritos sobre Política. Friedrich Nietzsche*. Volume II. A pequena e a grande política. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 8.

depreende. Por isso, a pergunta que se apresenta é a de em que medida é possível refletir em uma democracia que se exerça para além de todo o tipo de moral de rebanho.

2. As modernas democracias como instrumento da vontade popular: o rebanho

Se, por um lado, o Estado se apresenta mediante a sua face ditatorial, impondo um doutrinamento que sufoca e submete, então, por outro lado, o Estado, ao se apresentar como representante popular, move as massas na direção gregária.⁸ É, justamente, esta imagem democrática que o Estado assume, a mover as massas que acaba por impedir com que a manifestação da força ocorra:

Mas o que ocorre quando começa a prevalecer a concepção totalmente diversa de governo que é ensinada nos Estados democráticos? Quando nele se enxerga apenas o instrumento da vontade popular, não em 'alto' em comparação a um 'baixo', meramente uma função do único soberano, do povo? (...) uma influência semelhante à do despotismo esclarecido.⁹

Mesmo que o Estado não olhe mais de cima o povo, como é na sua expressão totalitária, continua, no entanto, a oprimi-lo mediante uma autoridade despótica sob o álibi de que é esclarecido, ou seja, de que o povo passa a ser consciente de tudo aquilo que se lhe ocorre.¹⁰

De acordo com a leitura de Nietzsche, esta é uma das formas mais falaciosas de manipulação da massa popular. Pois, mediante estes mecanismos, próprios do chamado esclarecimento, ou da idade das luzes, se faz com que o povo acredite ser ele mesmo responsável por tudo o que lhe ocorre, quando, na verdade, é alvo de um grande engano: sendo manipulado pelos mecanismos da moderna indústria democrática. Logo, "(...) seria o pensamento democrático o responsável pela decadência do próprio Estado."¹¹ Neste âmbito, se é enganado sem sequer imaginar, ainda mais, se pensa estar protegido por um Estado que ostenta as insígnias da democracia. Esclarecimento, consciência,

⁸ "Ciente de que não se pode mais esperar por via estatal um governo de traços nitidamente aristocráticos, haja vista o Estado colocar-se a serviço daquele projeto vitorioso no confronto franco-prussiano, o filósofo volta a compreender o Estado como antagonista da cultura e a ter a democracia como alvo de crítica" (SILVA, *Dicionário Nietzsche*, p. 207).

⁹ MAI/HHI, 472, KSA, 2.303

¹⁰ Como "(...) os valores morais inscritos na legislação moderna foram os instrumentos até agora usados para conter o instinto de poder e a tirania, contrapondo a estas coisas o instinto do rebanho inscrito na valorização da sociedade e no amor à pátria, que são em última análise mecanismos de controle da liberdade dos indivíduos" (SOBRINHO, *Escritos sobre Política. Friedrich Nietzsche*, p. 12).

¹¹ SILVA, *Dicionário Nietzsche*, p. 207.

emancipação das massas nada mais é senão um dos sórdidos golpes da razão. Esta razão que quer fazer acreditar que o povo é o soberano e que a sociedade é agora privada libertando-se assim a pessoa do jugo do Estado; “(...) a democracia moderna é a forma histórica do declínio do Estado”.¹² Ou melhor, a democracia moderna é a forma histórica do declínio do Estado em sua face altiva, mas igualmente autoritária, no entanto, assumindo um autoritarismo disfarçado por vontade popular já não é mais a autoridade constituída do Estado que comanda os destinos da nação. Qual seria, então, a entidade responsável por comandar tais destinos, por exercer a ação de controle sobre a massa do rebanho, mesmo que se possa estar sendo protagonista do exercício de tal poder? Como poderia ser chamada tal entidade sobre a qual está depositado tal poder? Esta se chama “interesse pessoal”. “Confiemos, portanto, na sagacidade e interesse pessoal dos homens, para que o Estado subsista por bastante tempo ainda.”¹³

O interesse pessoal acaba assumindo o poder sobre as massas, sob a capa de se defender o interesse e a vontade popular. “A dominação política exige que os homens sejam forçados a aceitar uma doutrina, um conjunto de valores determinados.”¹⁴ A figura do Estado, neste âmbito da reflexão, passa a se eclipsar pela imagem da vontade soberana popular como meio para escamotear o real interesse que move o Estado: o interesse pessoal, que não é exatamente interesse do indivíduo, pois, neste caso, seria uma força que se depreende do campo anímico, típica dos gregos antigos, mas uma vontade movida por interesse pessoal, portanto, um interesse do qual demanda uma moral, pois possui um fim bastante bem direcionado que é o de subjugar de forma a se fazer acreditar que se está elevando, emancipando, quando, na verdade, oprimindo da forma mais sórdida. Ainda sob a forma de levante da vontade popular, o Estado continua existindo, é talvez ainda da forma mais forte. Por essa razão, a proposta de uma democracia deve necessariamente levar em consideração o papel do indivíduo. Para tanto, Nietzsche visualiza um caminho de cultura quando o Estado favorecer não uma vontade pessoal interessada, mas sim, a vontade livre e desinteressada. E esta somente será possível à medida em que o além do homem despontar.

3. Do fim do Estado ao início do além do homem: o arco-íris

Tanto em sua versão totalitária como na versão democrática, o Estado se apresenta como autoridade despótica a cumprir para com sua agenda doutrinadora, seja de maneira abertamente despótica, como de maneira

¹² MAI/HHI, 472, KSA, 2.306

¹³ MAI/HHI, 472, 2.307

¹⁴ SOBRINHO, *Escritos sobre Política. Friedrich Nietzsche*, p. 15.

camuflada, o Estado se mostra como obstáculo para o fomento da cultura.¹⁵ Por essa razão, a única saída em favor do advento da cultura seria o fim do Estado. Com o fim do Estado é que o além do homem pode verdadeiramente nascer: “Ali onde cessa o Estado – olhai para ali, meus irmãos! Não vedes o arco-íris e as pontes do super-homem? –.”¹⁶ O além do homem, o homem da terra somente pode nascer na medida em que se lhe for fomentado condições para tal; qual seja de uma cultura voltada a busca de superação, para além desta cultura de manutenção e conservação, o que muito bem caracteriza o cultivo da compaixão contra a qual Nietzsche manifesta as suas críticas mais acerbadas. Por isso, é somente na cultura do além do homem, que é caracterizado pelo sentido próprio do mundo que é uma instituição super pessoal, para além de qualquer estrutura pessoal que pode nascer uma versão de Estado que favorece o além do homem. Tal Estado, portanto, somente pode nascer às expensas da morte do Estado autoritário,¹⁷ que é o Estado entendido como vontade de potência.¹⁸ A própria origem do Estado está ligada à vontade de dominação. Uma vontade de dominar assentada no real, sem falsificações. Celso Braida assevera que no projeto de vontade de potência tem o intuito “(...) de ‘*ver as coisas tais como elas são*’, a vontade de pensar o real sem falsificá-lo.”¹⁹

O Estado, por isso, realisticamente, deve ser compreendido como meio para que a cultura encontre o seu desenvolvimento, de onde a aristocracia de homens superiores possa surgir, aqueles que se superaram a si mesmos. Esse superar-se a si mesmo aponta para aquele que vai além de si mesmo: “O super-homem é o sentido do mundo (tanto quanto possa haver, nas teorias de Nietzsche, uma referência a ‘sentido do mundo’) e, certamen-

¹⁵ “Não é à toa que, rechaçando todas as modalidades políticas modernas, socialistas e liberais, ele vá apostar naquilo que denomina a ‘grande política’. Reagindo à sua época, a sua concepção de política, que se coaduna com uma teoria de dominação, cujo suporte é o conceito de vontade de potência, radicaliza-se ao máximo com a chegada ao poder de Guilherme II, que, no ver do filósofo, tinha uma visão do Estado excessivamente socializante” (SILVA, *Dicionário Nietzsche*, p. 207).

¹⁶ *Za/ZA*, Do novo ídolo, KSA, 4.64

¹⁷ Nesta altura do texto vale trazer as reflexões de Frederick Copleston a respeito da leitura nietzschiana a respeito do Estado, principalmente no intuito de redimí-lo de certas críticas, como a de nazista. “Embora eu não possa acreditar que Nietzsche tivesse olhado com simpatia o movimento Nacional Socialista da moderna Alemanha (tê-lo-ia considerado como uma caricatura da sua doutrina), a doutrina de Nietzsche da nova tábua de valores, do egoísmo, da negação da compaixão, etc. parecerá ter levado concretamente àqueles fenômenos que caracterizaram um ditador sem escrúpulos e sem qualquer espécie de compaixão. No entanto, é absolutamente incorreto que Nietzsche deva ser considerado como um ‘totalitarista’ ou como um absolutista, pelo que se refere ao Estado” (COPELSTON, *Nietzsche Filósofo da Cultura*, p. 227).

¹⁸ “A esfera da política é um campo de lutas e batalhas pelo controle dos instrumentos de poder” (SOBRINHO, *Escritos sobre Política. Friedrich Nietzsche*, p. 15).

¹⁹ BRAIDA, Celso. As suposições do iterpretacionismo nietzschiano. In: *Caminhos Percorridos e Terras Incógnitas. Encontros Nietzsche*. Org. Vânia Dutra de Azeredo. GEN – Grupo de Estudos Nietzsche. Ijuí: Editora Unijuí, 2004, p. 60.

te, uma instituição não pessoal ou mesmo ‘super pessoal.’”²⁰ Jamais o Estado pode ser considerado fim da cultura, caso contrário este acabaria resultando em mostro frio, mas sim, sempre meio para o seu mais alto desenvolvimento e aprimoramento: “(...) o Estado tem uma missão particular fundada sob o sistema do Egoísmo: ele deve ser o patrono de todo o egoísmo esperto.”²¹ Portanto, cabe ao Estado subsidiar a vontade que quer dominar, ligada à ascensão do além do homem, aquele que é criador, que afirma a vida. Nietzsche apresenta uma proposta política denominada Grande Política, aquela política fundada no indivíduo que é um conjunto de forças buscando alcançar níveis sempre mais altos de poder. Neste sentido, é demandado do indivíduo ultrapassar obstáculos que incluem o próprio Estado, o que faz com que a política em Nietzsche se caracterize como campo agonístico, de luta por afirmação. Por essa razão, é bastante sugestiva a contribuição de Vanessa Lemm, sobre a “(...) visão de Nietzsche de um futuro da ‘Grande Política’ prove um exemplo de como o cultivo e o cuidado da vida animal tem o potencial para superar a dominação da vida biopolítica.”²² Lemm sugere que a cultura afirmativa que Nietzsche busca defender possui seu solo na luta agonística com o próprio Estado, o qual não pode imiscuir-se dos assuntos da cultura.

Ao condenar a idolatria do Estado, considerado como mostro frio, Nietzsche aponta o caminho da cultura, permeada pelo além do homem. Um homem que se eleva para além do autoritarismo do mito nazifascista e da Rússia Soviética transformada em instrumento da revolução proletária. É este o homem que desmascara o Estado como mostro frio, auto idólatra. Logo, se o Estado tem algum fim, o único que se lhe pode atribuir é o de prover a produção do além do homem, com todos os poderes de superação que lhe são próprios. Seguindo a reflexão de Diego Felipe Paredes Goicochea, para quem é possível pensar uma democracia em Nietzsche, se aposta numa nova forma de governo que salvaguarda o indivíduo.

No entanto, com o advento da nova forma de governo, isto é, da democracia, o povo aceita uma pluralidade de religiões e, por fim, a religião já não pode ser usada para fins estatais. Agora a religião se converte em um assunto privado, e uma questão que só incumbe a consciência e os costumes do indivíduo (...) o interesse do governo e da religião vão de mãos dadas (...) Por isso, a democracia é um passo adiante no caminho da desmistificação da política.²³

²⁰ COPLESTON, *Nietzsche Filósofo da Cultura*, p. 227.

²¹ WL/VM, 9, KSA, 1.321-2

²² LEMM, Vanessa. The biological threshold of modern politics: Nietzsche, Foucault and the question of animal life. In: *Nietzsche Power and Politics*. Edited by Herman W. Siemens and Vasti Roodt. Berlin: Walter de Gruyter, 2008, p. 720.

²³ GOICOCHEA, Diego Felipe Paredes. *La Crítica de Nietzsche a la Democracia*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2009, p. 45-6.

O sentido plural que possui a democracia permite acomodar a diversidade individual, para além do arcabouço que se depreende de um Estado, seja este totalitário ou gregário. Como promotor do homem forte, cabe também ao Estado o combate a estados de estagnação e paz que são inimigos da vontade de assenhoreamento. Por isso, Nietzsche tece uma apologia à guerra, enquanto forma de constantemente se superar, alcançando níveis sempre mais culminantes na escala hierárquica. A guerra, na compreensão de Nietzsche se situa para além da oposição, “(...) de subida e de descida (decadência), entre vontade de vida e rancor contra a vida, entre criação do direito e embaraço insidioso...”²⁴ A guerra acaba sendo considerada como antídoto contra todo o cansaço e degenerescência vital, “(...) ela reconduz o Estado à condição de defensor da comunidade como um todo.”²⁵ Por ela, se coloca na posição de buscar viver intensamente tudo o que se apresenta enquanto desafio da vida. Neste aspecto, a guerra passa a revigorar a nação que se encontra enfraquecida sob a renúncia de viver, colocando-se numa posição de avidez por conquistar. A cada guerra que se empreende uma renovada coragem é demandada por superar obstáculos.²⁶ É somente assim que se empenha em caminhar na direção de subjugar o monstro frio para lançar as bases do além do homem, que se encarna na visão de um Estado que se funda para além de ideologias de direita ou de esquerda, para se apresentar como aquele que assume a consigna da superação constata de si. Ora, “(...) o Estado cria a sociedade e com ela uma hierarquia de homens, assim estabelecida para a realização de certos fins, fundada no pressuposto de que as maiorias devem estar subordinadas aos *individuos superiores*, que constituem o fim do Estado.”²⁷ Ou seja, aquele que, em tudo, se posta mediante a indumentária da coragem que quer assenhorar-se e ultrapassar a todos os obstáculos que se pretendem impossíveis de serem transpostos. María Suzana Paponi diz que “Se trata de um impulso de autoafirmação.”²⁸ Por essa razão, o Estado jamais pode pactuar com qualquer partido ou ideologia, sob o risco de acabar se enrijecendo. Mas, pelo contrário, o Estado necessita se renovar constantemente, de sorte a alcançar os pontos mais culminantes de potência. Desse modo, o Estado pode servir de solo, mediante o qual o além do homem nasça, cujo cumprimento se dá pelo caminho do arco-íris, que serve de ponte, de rumo ao seu itinerário e função: a de superar-se.

²⁴ Nc/FP de dezembro de 1888 e início de janeiro de 1889, 25 [1], KSA, 13.637

²⁵ SOBRINHO, *Escritos sobre Política. Friedrich Nietzsche*, p. 21.

²⁶ “Nietzsche extrai do exemplo deixado pelos gregos a lição que afirma ser a guerra tão útil ao Estado quanto a escravidão à sociedade e à cultura” (SOBRINHO, *Escritos sobre Política. Friedrich Nietzsche*, p. 21).

²⁷ SOBRINHO, *Escritos sobre Política. Friedrich Nietzsche*, p. 22.

²⁸ PAPONI, María Suzana. Reiteraciones: Friedrich Nietzsche, Filosofía e Cultura. In *Esse Nietzsche*. Org. Gonzalo Sebastián Aguirre. Salta: Ediciones de la Galería Fedro, 2014, p. 25.

O itinerário percorrido permitiu verificar as implicações culturais que demandam do Estado, desde a sua forma de mostro frio, como idolatria petrificada até a sua passagem ao além do homem, como mutabilidade que se supera, que é o caminho que Nietzsche entende como salutar para a cultura. O Estado, entendido em sua própria constituição de Estado, carrega elementos que vão na linha diametralmente oposta ao pensamento nietzschiano de cultura, principalmente no que diz respeito a sua dimensão institucional, que, por si só, aponta para um aparato institucional centrado na moral. No entanto, talvez o problema não esteja no Estado em si mesmo, mas na compreensão que dele muitas vezes se tem. Daí a importância de uma conversão de pensamento acerca do Estado, deixando de lado expedientes que o tornam fim em si mesmo, para assumir uma posição de meio. E, neste caso, o Estado deve ser meio para o nascimento do além do homem. Em que medida isso é possível, numa cultura habituada a idolatria do Estado, tornando sempre mais fim em si mesmo?

Seguindo o itinerário, foi visto que é preciso ultrapassar uma dupla interpretação do Estado na qualidade de mostro frio: aquela proposta por correntes totalitárias e a proposta por vertentes democráticas no sentido gregário que dissolvem o indivíduo. Sob esta leitura totalitária, o Estado assume a imagem de um ídolo que se segue com seu poder doutrinador sobre o povo. Os expedientes que este aparato governamental utiliza é o de coagir pelo medo, destituindo o indivíduo de sua própria capacidade de escolha. Ao modo de um Estado do topo soberano, os indivíduos abrem mão de serem o que são para a manutenção de tal aparato monstruoso. Em troca, o Estado aferre ao indivíduo uma espécie de sociedade do bem-estar, contra todo o tipo de guerras que poderiam se fazer presentes no cenário político.

Numa leitura democrático-gregária, o Estado, da mesma forma oprime, contudo, se utilizando de outros estratagemas: o da mentira, ou seja, fazendo crer que se age pela massa do povo. Mediante este expediente, o Estado fomenta o levante das massas a reivindicar seus direitos, movido pelo ressentimento de serem despossuídos do que é seu por direito, a saber, a sua própria singularidade. Por isso, o que o Estado promove é a direção contrária da força do povo, o que de per si, nada constrói, senão conduz a um ainda mais decadente sintoma: a incapacidade de agir, restando nada senão o ressentimento.

Logo, nem em um Estado autoritário e totalitário, ou seja, de direita, que se auto vangloria, fundado num viés constituído por mecanismos de coerção, nem em um Estado democrático gregário, ou seja, de esquerda, que nutre o argumento de que defende a massa do povo, mediante seus mecanismos de levante das massas se pode pensar em

um Estado que ajude a alimentar a cultura. Mas, a verdadeira cultura somente pode demonstrar que caminha a passos largos à medida em que o Estado fomentar o aparecimento do além do homem. E como isso pode se dar? É preciso pensar em uma terceira via, uma espécie de democracia que não sufoque o indivíduo singular. Mediante a provocação das forças necessárias, quais sejam, o fomento da guerra ao invés da paz, como é comum num estado totalitário, e o fomento da fortaleza individual psicológica de que se é capaz, ao invés da massa gregária, como é comum num modelo de Estado democrático. Por isso, o além do homem é aquele que se impõe para a luta, crente na própria capacidade de superação. E na medida em que o Estado provocar homens desta espécie estará cumprindo para com a sua função de Estado, em prol do advento da cultura.

Referências

- BRAIDA, Celso. As suposições do interpretacionismo nietzschiano. In: *Caminhos Percorridos e Terras Incógnitas. Encontros Nietzsche*. Org. Vânia Dutra de Azeredo. GEN – Grupo de Estudos Nietzsche. Ijuí: Editora Unijuí, 2004, p. 33-61.
- COPLESTON, Frederick. *Nietzsche. Filósofo da Cultura*. Trad. Eduardo Pinheiro. Porto: Livraria Tavares Martins, 1979.
- GOICOCHEA, Diego Felipe Paredes. *La Critica de Nietzsche a la Democracia*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2009.
- LEMM, Vanessa. The biological threshold of modern politics: Nietzsche, Foucault and the question of animal life. In: *Nietzsche Power and Politics*. Edited by Herman W. Siemens and Vasti Roodt. Berlin: Walter de Gruyter, 2008.
- NIETZSCHE, F. W. *Kritische Studienausgabe*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin: Verlag de Gruyter, 1999, 15 Bd.
- NIETZSCHE, F. W. *Sämtliche Briefe: Kritische Gesamtausgabe Briefwechsel KGB*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin: Walter de Gruyter, 1986, 8 Bd.
- NIETZSCHE, F. W. *Humano, Demasiado Humano*. Um livro para espíritos livres. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, F. W. *Assim Falava Zaratustra*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, F. W. *Obras Incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.
- PAPONI, María Suzana. Reiteraciones: Friedrich Nietzsche, Filosofía e Cultura. In *Esse Nietzsche*. Org. Gonzalo Sebastián Aguirre. Salta: Ediciones de la Galería Fedro, 2014, p. 17-26.

SILVA, Ivo da. Estado (Staat). In: *Dicionário Nietzsche*. Col. Sendas e Veredas. GEN – Grupo de Estudos Nietzsche. São Paulo: Edições Loyola, 2016, pp. 206-207.

SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. Apresentação. In: *Escritos sobre Política. Friedrich Nietzsche*. Volume II. A pequena e a grande política. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 07-33.